

A representação da cidade na crônica teatral carioca

Christine Junqueira Leite de Medeiros
Doutora em Teatro pelo Programa de Pós-Graduação em Teatro - UNIRIO
Professora e pesquisadora

Resumo: A palavra crônica está relacionada ao termo grego *khronos*, que significa tempo. E é voltando no tempo que se verifica como os fatos teatrais de uma cidade como o Rio de Janeiro são descritos e eternizados através do olhar dos cronistas. O cronista teatral faz seu comentário sobre a encenação, mas não resiste à tentação de revelar, com humor e ironia, flagrantes observados sob um ponto de vista peculiar que ultrapassa os limites do palco. Esta comunicação, ao analisar registros publicados na imprensa carioca durante os séculos XIX e XX, ressalta a inserção do teatro na vida da cidade, por meio da crônica teatral, como contribuição para a história do teatro.

Palavras-chave: crônica teatral, teatro carioca, história do teatro.

A origem etimológica da palavra crônica está diretamente relacionada com o termo grego *khronos*, que significa *tempo*. E é voltando no tempo que se descobre o hábito dos cronistas em deambular pela cidade. São acontecimentos captados e eternizados pelo olhar do cronista *flâneur*, que sobrevoa a cidade deparando-se com flagrantes de cenas e personagens no palco urbano. Segundo Beatriz Resende, o “melhor da literatura dedicada à vida nas cidades” encontra-se na crônica e, num primeiro plano, a cidade que domina esta narrativa é em geral uma metrópole, uma capital, neste caso o Rio de Janeiro, que “constrói a dramaturgia brasileira desde o início”.¹

A crônica, que em sua gênese vincula-se ao folhetim, consolida-se em meados do século XIX. Diária ou semanalmente os cronistas entremeiam os mais variados assuntos em uma seção de miscelânea, que quebra a rotina e o estilo pesado do jornal tradicional, principalmente nos comentários referentes à vida cultural da cidade, em especial o teatro.

O dramaturgo Martins Pena escreve folhetins líricos para o *Jornal do Commercio* e seus rodapés de crítica são fartos de informações curiosas.

Escritos num momento em que o principal de sua obra já havia sido elaborado, os *Folhetins* abrigam muitas das personagens existentes nas comédias: diletantes exaltados, rústicos, personagens ridículas, abnegadas, comparsas e protagonistas que, curiosamente, graças à ficção dramática subjacente à prosa jornalística do autor, desdobram-se e movimentam-se em dois planos – na platéia, como vizinhos e interlocutores ocasionais, e, no palco, enquanto alvo das críticas, conselhos ou palavras exortativas do folhetinista.²

¹ RESENDE, 2008:43.

² ARÊAS, 1987:7.

O dileitante, conhecida figura da vida teatral carioca, torna-se personagem não só da dramaturgia de Martins Pena, mas também de seus folhetins. Em uma crônica publicada em 24 de fevereiro de 1847, dramatiza com humor, a fidelidade que os diletantes devotam as suas divas. Estes são capazes de enfrentar uma tempestade de verão, a caminho de um espetáculo de ópera que não será realizado, em virtude da rouquidão na voz de uma prima-dona. O cronista inicialmente descreve a tormenta: “Medonha e tempestuosa principiou a noite de 19: o vento corria desenfreado pelas ruas em violentas rajadas, os lampiões por ele balançados gemiam em sua argolas de ferro, e as portas batiam com estampido.” Depois dá prosseguimento à cena:

No meio deste ameaçar da natureza, via-se passar pelas ruas certos indivíduos que afoitos e intrépidos zombavam da tormenta. [...] De diferentes pontos da cidade vinham; mas todos convergiam para um centro único, o Largo do Rocio. [...] Eram os *dilettanti!*...os *dilettanti*, essa raça fogosa e denodada que arrostará o tempo, natureza, os homens, para ouvir uma cantora nova. [...] juraram que iriam ao teatro, ainda que chovesse lanças, coriscos [...] Chegando ao Largo do Rocio, ó desesperação! ó tormento sem par! [...] viram o teatro fechado, completamente fechado como uma lata de *petit-pois*. [...] e apenas bruxulearam debaixo do alpendre as ensebadas luzes das negrinhas dos pastéis! [...] – Porque não há hoje espetáculo? ... foi o grito geral, unânime [...]. – Quereis saber a causa? – Pois bem, meus amigos, esta causa mais poderosa que o cataclismo da natureza, foi a rouquidão que repentinamente apoderou-se da voz da Sr^a Mugnay. – A rouquidão! Foi a resposta que saiu em surdo e contido murmúrio da multidão; depois caiu em completo silêncio, e no meio desse torpor geral só o agudo e estridente grito de – Vai empadas, empadinhas quentes, saindo debaixo do alpendre, veio misturar-se com os uivos e sibilos da tempestade e ecoar dolorosos nos corações dos *dilettanti*. Para os raios aplica-se condutor elétrico; para a chuva, o guarda-chuva, para o trovão, o algodão nos ouvidos [...]; e só para a rouquidão de cantoras ainda não se descobriu remédio: de nada servem avencas, balas do Parto, chá de violas e de farelo [...], tudo é inútil! Somente uma droga se pode opor com alguma vantagem a tão impertinente doença, e é esta a paciência. Os nossos *dilettanti* conheciam as virtudes desta droga, e tomando cada um a dose [...], dispersaram-se: uns foram-se para suas casas, e outros aos pastéis.³

O romancista e dramaturgo José de Alencar, em sua primeira crônica publicada em setembro de 1854, no *Correio Mercantil*, debruça-se sobre a recente novidade que parece constranger seus hábitos de freqüentador assíduo do Teatro Lírico: as cadeiras numeradas.

O excesso em tudo, porém é prejudicial, e o benefício, quando não é pedido, é incômodo, como essa resolução dos números dos bilhetes de teatro que ontem foi posta em vigor. Tiram-nos os lenços e as marcas, que eram mais pitorescas e mostravam no público uma delicadeza louvável. Acharam que isto era mau; dessem-nos coisa melhor, e não pusessem um homem grave na dura necessidade de ir ao teatro lírico recordar a tabuada. [...] faço idéia em que apertos não se verá um pobre homem que não

³ PENA, 1965:152-3.

souber ler ou que for míope, a procurar o tal número constante de um pedacinho de papel microscópico, que precisamente no momento necessário, e como para fazer pirraça, some-se no labirinto de uma carteira ou nas profundezas de um desses bolsos à mineira, de vastas dimensões! Quando vi pela primeira vez enfileirados pelos recostos das cadeiras aqueles batalhões de números brancos, que sem licença e com a maior sem-cerimônia do mundo se iam retratando a daguerreótipo nas costas das nossas pobres casacas, julguei que aquilo seria uma medida policial, por meio da qual os agentes ocultos poderiam seguir fora do teatro algum indiciado ou suspeito de importância, que fosse reconhecido no salão. Mas nunca pensei que depois de numerarem os bancos as casacas dos *dilettanti*, quisessem ainda numerar-lhes os assentos, e obrigar um homem a comprar por dois mil réis o direito de estar preso numa cadeira e adstrito a um número como um servo de gleba.⁴

O escritor e dramaturgo Machado de Assis, sob o pseudônimo de Dr. Semana, escreve crônicas no jornal *Semana Ilustrada* e em uma delas, publicada em 1864, descreve uma cena típica do Alcazar Lyrique, um misto de café-concerto e *vaudeville* localizado na rua da Vala. Dirige-se ao chefe de polícia ironizando a falta de moralidade do estabelecimento:

As famílias honestas do Rio de Janeiro continuam a esperar de V. Ex. a extinção dessa casa de educação. [...] Repare V. Ex. que é o único divertimento (menos praças de touros) a que se assiste com o chapéu na cabeça, com o charuto na boca, a garrafa de cerveja ao lado, e uma, duas ou três raparigas, lindas como os amores, sentadinhas em derredor da mesa. Que prazer! Que glória! Não falte, Exmo., porque há de apreciar muita coisa interessante. V. Ex. que é tão bom, tão amável e tão atencioso para comigo, não há de deixar de satisfazer um pedido meu – *Vá ao Alcazar!*⁵

Machado de Assis traça considerações acerca do *métier* do cronista: “Vivemos seis dias a espreitar os sucessos da rua, a ouvir e palpar o sentimento da cidade, para os denunciar, aplaudir ou patear, conforme o nosso humor ou a nossa opinião [...]” Afrânio Coutinho diz que a crônica adquire personalidade com Machado de Assis, que ao praticar esse gênero, confessava-se escrevendo “brasileiro”.⁶

No século XX, a partir dos anos 1930, a crônica moderna se define como um gênero brasileiro eminentemente carioca. Mantendo o “ar de conversa fiada”, sem perder a ironia, os novos cronistas dão-lhe uma dimensão especial: a crônica assume a atualidade e o dinamismo da notícia. O cronista se vê como intérprete das mutações que dão nova fisionomia à sociedade brasileira.

⁴ ALENCAR, 1968:25-6.

⁵ ASSIS, 1959a:248.

⁶ COUTINHO apud MELO, 1985:114.

Finalizando esta brevíssima coletânea de excertos e fragmentos de crônicas sobre os acontecimentos teatrais que extrapolam os limites da ribalta, apresentamos uma das crônicas bissextas de Yan Michalski, crítico teatral do *Jornal do Brasil*, de 1963 a 1982. Em *Como escolher programas teatrais e freqüentar teatros sem ficar de mau humor*, publicado no *Programa em Revista*, de março de 1970, o crítico escreve uma espécie de manual de sobrevivência sobre os percalços teatrais encontrados no Rio de Janeiro. De maneira planejada, enumera as informações por itens. No item 1 faz advertências e diz que nas andanças pelo Rio:

o leitor-turista passará fatalmente, por uma vistosa coleção de painéis instalada na entrada do Túnel Novo, à direita de quem vai para Copacabana. [...] Não se deixe enganar pelas aparências, leitor, e não caia na besteira de ir ver esses espetáculos “pois “se acham registrados para a posteridade espetáculos que encerraram a sua carreira há dois, três ou mais anos atrás.

No item 5, aconselha:

Não leve a sério os horários dos espetáculos publicados nos anúncios. Iniciar o espetáculo na hora marcada é considerado, perante a etiqueta teatral carioca, como uma gafe imperdoável. A média dos atrasos gira em torno de 15 a 20 minutos nos dias normais, e em torno de 30 minutos nas estréias, sessões beneficentes etc., podendo chegar, em certos casos particularmente chiques, a 50 minutos.

O item 6 esclarece a imprevisibilidade do carioca:

Caso lhe aconteça chegar atrasado, não se sinta constrangido e procure tranqüila e ruidosamente o seu lugar. É possível que o vizinho esboce uma tímida reclamação, mas pode ter certeza de que ele faria a mesma coisa se ele estivesse na sua situação.

Por fim, finaliza o texto encorajando o leitor-turista:

Freqüentar o teatro sem ficar de mau humor (independente do nível dos espetáculos, bem entendido) é, no Rio, uma ciência bastante complexa. Os seus rudimentos já foram dados; agora cabe ao leitor aprofundar os seus conhecimentos, através da experiência prática. Bom treino e bom proveito!

Os críticos-cronistas aqui lembrados trazem um ponto de vista peculiar sobre a cidade do Rio de Janeiro e o fato teatral, contribuição original e inerente à história do teatro brasileiro.

Bibliografia

ALENCAR, José de. *Ao correr da pena*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968.

ARÊAS, Vilma. *Na tapera de Santa Cruz: Uma leitura de Martins Pena*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ASSIS, Machado de. *Crônicas (1859-1863)*. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira, 1959a.

ASSIS, Machado de. *Crônicas* (1878-1888). São Paulo: Gráfica Editora Brasileira, 1959b.

COUTINHO, Afrânio. "Ensaio e crônica". *A literatura no Brasil*. v.VI. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1971.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984.

EULÁLIO, Alexandre. *Escritos*. Org. Berta Waldman; Luis Dantas: Campinas (SP): Unicamp: UNESP, 1992.

FARIA, João Roberto de. *Idéias teatrais: o século XIX no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

MICHALSKI, Yan. Como escolher programas teatrais e freqüentar teatros sem ficar de mau humor. Programa em Revista. Rio de Janeiro, Ano1, março de 1970.

PENA, Martins. *Folhetins: A semana lírica*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1965.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

RONCARI, Luís. *Literatura Brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. São Paulo: Edusp, 1995.

SÜSSEKIND, Flora. *Papéis Colados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.